

- 5 FEV 1997

## COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

# Acarajé, seu nome é poder

Quando a gente encontra na sisudez dos salões do Senado um oftalmologista baiano, de nome Vespasiano, distribuindo fitas bentas do Senhor do Bonfim para saudar o presidente de um Poder e quarto homem na linha de sucessão da Presidência da República, é sinal de que algo de diferente está para acontecer.

Foi exatamente o que se deu. Afinal, Antônio Carlos Magalhães não poderia ser eleito presidente do Senado numa cerimônia assim comum, morna, como reza a tradição da Casa em cuja memória não se registram disputas. Até nisso ele foi diferente. No início, talvez tivesse preferido a entronização unânime. Mas sem concorrência a graça não seria a mesma.

Tão inusitada foi a tarde de ontem que até produziu uma coincidência inédita: durante 24 horas, pela primeira vez na história, pai e filho presidem ao mesmo tempo a Câmara e o Senado. Luís Eduardo Magalhães deixa hoje o comando da Câmara presidindo uma eleição também marcada pelo ineditismo, a disputa entre três candidatos.

Menos dado às manemolências da baianidade, Luís Eduardo terá, é certo, a presença da Bahia, que ontem invadiu o Congresso para homenagear ACM. Mas dificilmente aqueles salões tão cedo verão o que viram ontem.

Impossível calcular o número exato de baianos — do governador ao prefeito de Salvador, passando por prefeitos do interior, deputados, vereadores, empresários ou simplesmente *carlistas* — que começaram a chegar em Brasília na sexta-feira passada e, desde domingo, lotaram todos os vãos para a capital federal. Outra vez, a diferença: é quase carnaval e, nessa época, os vãos lotam para Salvador, jamais ao contrário.

O importante é que estavam todos ali para tomar a bênção de ACM, de quem não desgrudavam por nada desse mundo. Apinharam-se no plenário para ouvir seu mestre dar a partida no mandato de dois anos, fazendo profissão de fé contra o excesso de medidas provisórias.

Aglomeraram-se nos corredores para ver a saída triunfal e disputar espaço com duzentos e cinquenta milhões de microfones, câmeras de televisão, gravadores de rádio. E muita, muita gritaria. Um aperto só cujo ponto alto foi a explosão de grossa pancadaria entre cinegrafistas e seguranças.

Tudo muito dentro do espírito *atrás do trio elétrico só não vai quem já morreu*.

Na hora da briga, ACM parou. Só por alguns segundos, porém. Logo a avalanche de baianos o carregou em direção à presidência, seu novo gabinete. Igualmente engolfado pela multidão, o diretor de Comunicação do Senado, Fernando César Mesquita, tentava também chegar lá pedindo calma para organizar uma entrevista coletiva do senador.

Que foi breve. Afinal, havia a concordância geral de que a festa tinha aroma de dendê. E assim foi. Num minuto lá estava de novo Salvador inteira dentro da presidência do Senado. Reticente, impressionantemente tímido (aí outra vez, nos deparamos com o inusitado da tarde), ACM se desviava de questões mais polêmicas, tecia loas ao entendimento com o adversário do PMDB e evitava cantar a própria vitória.

Preferia rir silencioso — talvez com medo das armadilhas da emoção — em vez de ceder às tentações. Ficou longos segundos assim quando lhe perguntaram se fazia alguma idéia de quem seria o autor do voto em branco. Teria sido ele próprio? “É uma boa colocação”, limitou-se a dizer.

Mas a Bahia não queria saber daquilo. Estava toda em volta da mesa ali preparada para abraçar, beijar e apertar. Tanto que o assunto foi encerrado definitivamente quando alguém perguntou a ACM se seria ontem o encontro de comemoração com Fernando Henrique.

“Hoje não, hoje a festa é baiana”, decretou. O pelourinho veio abaixo.